

## ■ DOSSIÊ - ARTIGOS

### ■ A educação moral fundamentada na ética como possibilidade de se refletir o conceito de deficiência em ambientes educacionais

 Ana Caroline Nunes Costa \*

**Resumo:** O presente artigo se desenvolve a partir de uma história contada para um grupo de crianças de educação infantil de uma escola particular do Distrito Federal. A pesquisa se deu a partir das respostas das crianças diante da história de um macaco que apresentava um comportamento atípico em uma festa de aniversário. Através das respostas foi possível refletir sobre o conceito de deficiência e suas implicações para a vida social, deixando clara a necessidade de se discutir uma educação moral fundamentada na ética. A análise dos dados obtidos teve como base teórica as ideias de Vigotski sobre o conceito de deficiência. O modo como a escola compreende alguns conceitos, tais como padronização e deficiência, foi relacionado com as respostas das crianças. A ideia central desse artigo defende que toda criança tem a capacidade de se desenvolver para participar ativamente da vida social.

**Palavras-chave:** Deficiência. Desenvolvimento infantil. Educação moral. Educação infantil. Escolarização. Saberes e Fazeres do Campo. Educação. Escola.

---

\* Ana Caroline Nunes Costa é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (2010) e mestre em Psicologia pelo UniCEUB (2018). Professora de educação básica de instituição particular do Distrito Federal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4141303879620145>. Contato: [carolnunes03@hotmail.com](mailto:carolnunes03@hotmail.com).

## Introdução

Idiota, bobo, lerdo, retardado – esses e tantos outros adjetivos são usados corriqueiramente no cotidiano para se referir a uma pessoa que não corresponde ao padrão imposto pelo ambiente social. “Parece que todos dessa família nasceram assim, com um parafuso a menos”. Essa fala do senso comum expressa a ideia de que alguns já nascem determinados para não se desenvolverem, ou já nascem com algum defeito genético. A partir desses conceitos e ideias, comuns ao discurso cotidiano e muitas vezes até mesmo impregnados na ciência, este artigo visa refletir sobre os conceitos de deficiência, determinismo biológico, padronização no desenvolvimento e suas relações com a educação moral em ambientes educacionais.

O presente artigo relaciona as respostas de crianças de educação infantil à história de um macaco que apresenta um comportamento atípico em uma festa de aniversário, com os conceitos e ideias supracitados<sup>1</sup>. O resultado da pesquisa estabelecerá uma reflexão sobre alguns pressupostos expostos na obra de Vigotski sobre o desenvolvimento atípico, relacionando-os com uma fábula e um conto. A fábula é de Liev Tolstói intitulada *O macaco* e o conto de Franz Kafka *Um relatório para uma academia*. Essas literaturas sobre macacos possibilitaram uma inferência aos problemas da educação.

A partir das respostas das crianças foi possível estabelecer uma relação entre a ideia de diferenças comportamentais com o conceito de deficiência e suas implicações para a vida social, deixando clara a necessidade de se discutir uma educação moral fundamentada na ética. A questão proposta não se deu por meio de jogos ou brincadeiras, mas, apenas, pela contação de uma história, sendo ao final proposto um problema para que os estudantes pudessem expor suas opiniões.

As ideias das crianças são formuladas a partir daquilo que elas vivenciam no ambiente social, mas isso não significa que a criança que formulou ideias violentas é ou será um “psicopata”, ou que literalmente sofreu esse tipo de violência. Tais respostas são um alerta, e enfatizam a importância de que essas crianças possam experimentar relações que tenham como fundamento o compromisso com o outro em um ambiente democrático. A presente análise não coaduna com ideias deterministas. Acredita, por outro lado, que as falas das crianças podem guiar o ambiente educacional para um espaço de discussão e de experiências éticas.

## O desenvolvimento e as leis da diversidade

As obras de Liev Semionovich Vigotski, em especial os *Fundamentos da defectologia* (1997), possibilitam pensar na relação entre a deficiência e o modo como ela é compreendida pela escola. Entender os fundamentos da abordagem deste autor, relativos ao estudo do conceito de desenvolvimento atípico, é fundamental para compreender os fundamentos que sustentam o conceito de “deficiência”.

Vigotski parte de princípios totalmente contrários ao modo como a nossa sociedade e a de sua época compreendem a deficiência e as diferenças individuais relacionadas ao desenvolvimento cultural do ser humano. Essa ideia rompe com a hegemonia da visão quantificadora e com a ideologia racista tão marcantes nas ciências do seu tempo e tão presentes na atualidade.

A ciência que estuda o desenvolvimento da criança com alguma “deficiência” deveria romper com essas visões e ideologias. “O erro da Defectologia já estaria, então, no ponto de partida. Começou-se a calcular e medir antes de experimentar, observar, analisar, desmembrar e generalizar, descrever e definir qualitativamente” (TUNES, 2017, p. 78). Essa visão também se impregnou nas práticas educacionais e na ciência psicologia, que desenvolvia “instrumentos cada vez mais sofisticados que permitissem distinguir os “melhores” dos “piores” (TUNES, 2017, p. 78). O que Vigotski propõe é totalmente contrário à classificação e medição do desenvolvimento, pois sua obra se ampara em uma tradição filosófica significativamente oposta à cultura ocidental (TUNES, 2017, p. 84).

A escola tende a estabelecer uma relação direta entre aquelas crianças que apresentam diferenças de desenvolvimento como sendo defeituosas, classificando-as como “crianças problemáticas”. Tais instituições apenas apontam aquilo que classificam como “defeito” e não mostram os caminhos para se pensar a questão, demonstrando na verdade que não estão preocupadas com o desenvolvimento. Neste sentido a palavra defeito é correlata a “deficiência”. Entretanto, segundo a autora, para Vigotski:

não existem pessoas deficientes. O que há são pessoas que, devido a uma conformação psicofisiológica específica, algumas vezes incomum, tendem a se relacionar de forma também incomum com as condições de vida social. Portanto, a existência do que chamamos, por exemplo, de cegueira, não significa deficiência. A deficiência é um construto social e um conceito científico de caráter duvidoso por estar embasado na ideologia de perfeição orgânica e ser referido a uma inexistência (TUNES, 2017, p. 83).

Partindo deste ponto inicial, surgem as seguintes questões: por que as instituições educacionais frequentemente relacionam a deficiência com defeito? Por que elas avaliam a criança a partir do próprio defeito? Em muitos sentidos, ainda carregamos a herança de uma ideologia racista que está impregnada nas nossas relações e práticas educacionais; entretanto, “a ciência deve descobrir as leis da diversidade que regem o desenvolvimento cultural do ser humano” (TUNES, 2017, p. 81).

## A pesquisa

A presente pesquisa foi realizada a partir de uma afirmação de uma criança em ambiente escolar, ao ouvir a história de um macaco que em uma festa de aniversário na floresta teve um comportamento atípico ao que se esperava. A fala específica desta criança me motivou a contar novamente a história e propor uma atividade para todas as salas de educação infantil de uma escola particular em Brasília. Participaram 146 crianças entre 5 e 6 anos de idade, nos dias 25, 26 e 27, de fevereiro de 2019. A história foi contada e, depois, em um desenho, as crianças deveriam responder à seguinte questão: o que você faria para que o macaco parasse de atrapalhar a festa da girafa? As crianças fizeram um desenho e, depois, explicaram individualmente o que desenharam (foram escritos o que elas desenharam a partir das explicações dadas).

A história é do livro *Perdón, los modales del mono Coco* (2016) e relata um aniversário na floresta, no qual uma girafa era

a aniversariante e todos os animais foram convidados. O macaco Coco achava que o aniversário era dele e começou a atrapalhar a festa. Ele queria ser o primeiro a realizar todas as brincadeiras e atividades. No meio da história uma criança diz: “se a gente pedir para o leão comer o macaco Coco, a festa de aniversário ficaria ótima”. Então eu o indaguei: será que matar o macaco resolveria o problema? Como explicaríamos para a família do macaco o que aconteceu? Como a mãe do macaco se sentiria ao saber disso? A criança ficou em silêncio e eu continuei a história. No final do livro o macaco percebe que estava sendo egoísta e pede desculpa para a girafa, mudando o seu comportamento.

Essa fala da criança me motivou a recontar a história com o objetivo de investigar o que esse grupo de crianças pensa sobre as diferenças de comportamento do macaco na festa. Diante disso, a história foi relembrada omitindo o seu final. Foi dito que eles poderiam criar o final da história a partir da seguinte pergunta: “O que você faria para que o macaco parasse de atrapalhar a festa da girafa?”. Nas respostas, as crianças poderiam colocar o que quisessem, ou seja, a sua opinião.

Na pesquisa, 42 crianças (quase 30% do total) apresentaram a punição como um modo de resolver o problema de comportamento do macaco. O que chama a atenção é que

Quadro 1. Descrição da explicação dada pelas crianças do desenho realizado durante a pesquisa da Turma 1 e 2.

Turma 1:	Turma 2:
Colocar o macaco dentro do avião.	O macaco será o último da fila na pescaria.
Um monstro gigante para brigar com o macaco.	O macaco será o último da fila e a girafa será a primeira.
Uma casa para o macaco ficar.	A girafa colocou o chapéu no olho do macaco.
Ela trouxe a girafa para brigar com o macaco.	

Fonte: acervo da autora, 2019.

Quadro 2. Descrição da explicação dada pelas crianças do desenho realizado durante a pesquisa da Turma 3 e 4.

Turma 3:	Turma 4:
Fez um prédio para ele parar de fazer coisas feias.	A girafa está falando para o macaco que ele não foi convidado para a festa.
Pegou um ônibus e foi para a casa dele para ir para o	A girafa irá puxar a orelha do macaco para ele parar de
A girafa tirou o macaco da festa para ele pensar no que ele fez do lado de fora da festa.	

Fonte: acervo da autora, 2019.

Quadro 3. Descrição da explicação dada pelas crianças do desenho realizado durante a pesquisa da Turma 5 e 6.

Turma 5:	Turma 6:
O pai dele vai dar uma “peia” pra parar de fazer coisa errada.	O macaco levou um tapa na cara e ficou triste.
Deixar ele de castigo.	Um cocô na cabeça do macaco.
O macaco ficou de castigo depois saiu arrependeu-se e a girafa deu um coração para ele.	Eu batendo no rosto do macaco.
A casa onde estava acontecendo o aniversário da girafa tinha câmara e alarmes, quando o alarme tocou o macaco fugiu da festa.	Eu chutando o macaco para ele parar de atrapalhar a festa.
Eu empurrando o macaco.	Fez um X no macaco.
Eu vou empurrar o macaco.	Coloquei o macaco preso.
Fez um robô para o macaco parar de fazer coisa errada.	
A câmara está vigiando o macaco.	

Fonte: acervo da autora, 2019.

Quadro 4. Descrição da explicação dada pelas crianças do desenho realizado durante a pesquisa da Turma 7 e 8.

Turma 7:	Turma 8:
Eu vou dar um soco no macaco.	Prendi o macaco no caminhão.
Macaco irá levar um choque.	Colocar o macaco na árvore.
Prendi o macaco para ele parar de atrapalhar a festa.	O macaco foi embora.
Estourar balão no macaco.	Coloquei o macaco no chão da festa, assim ele não irá sair.
Dar um soco no macaco.	Eu prendi o macaco em uma cadeira.
Se você não parar de atrapalhar eu vou te dar um soco/bater e vou fazer qualquer coisa ruim com você.	Carro para levar o macaco até a França.

Fonte: acervo da autora, 2019.

algumas crianças pequenas apresentaram formas cruéis de resolver a questão, como por exemplo: “socos e tapas no rosto”, “choques”, “morte”, “leão comer o macaco”, “jogar no vulcão”. Os quadros mostram as respostas das crianças das oito turmas de educação infantil. Todas as respostas constantes nos Quadros 1 a 4 foram categorizadas como formas de punição ou violência para resolver o problema do comportamento do macaco.

Os quatro desenhos das Imagens 1 a 4 foram realizados pelas crianças que se enquadraram neste grupo.

Imagem 1. Desenho de uma criança de educação infantil realizado durante a pesquisa. “Eu desenhei o leão que irá chamar o seu pai para comer o macaco, assim ele não irá atrapalhar a festa”



Fonte: acervo da autora, 2019.

Imagem 2. Desenho de uma criança de educação infantil realizado durante a pesquisa. “Jogar o macaco no vulcão e ele ficará bem vermelho”



Fonte: acervo da autora, 2019.

Imagem 3. Desenho de uma criança de educação infantil realizado durante a pesquisa. “Uma máquina que bate no macaco e deixa ele preso”



Fonte: acervo da autora, 2019.

Imagem 4. Desenho de uma criança de educação infantil realizado durante a pesquisa. “Macaco irá levar um choque”



Fonte: acervo da autora, 2019.

As respostas obtidas na pesquisa me fizeram pensar que o modo como esse pequeno grupo de crianças descreve ações violentas para resolver o problema do comportamento do macaco é como muitas instituições educacionais ainda tentam resolver as questões daqueles que não conseguem atingir o nível de padronização exigido. Nesse sentido, a escolarização tira a dignidade daqueles que não se submetem ao seu sistema, e caminha contra as leis do desenvolvimento infantil.

As respostas desse grupo de crianças também me fizeram relacionar o comportamento atípico do macaco na festa com as crianças que apresentam comportamentos fora do padrão esperado pelo ambiente. A descrição da punição como caminho possível é a mesma que no geral os profissionais (pedagogos, psicólogos e psiquiatras) e muitas famílias fazem ao rotular e ao classificar crianças. Uma outra forma de violência associada a essa perspectiva seria a normalização de medicações para crianças diagnosticadas com déficit de atenção, hiperatividade e tantos outros “transtornos”. Tais rótulos são usados como justificativa para a medicalização de crianças, ou seja, são muitas vezes usados para “calá-las”. Ao pensar na profundidade teórica e compromisso com que Vigotski analisa a deficiência, percebo como estamos distantes daquilo que o autor propõe.

Por que olhamos a deficiência sempre pelo aspecto da falta e do “defeito” e não pelas infinitas possibilidades de compensação? “Se decia lo que le faltaba al niño retrasado, pero no se decia lo que poseía” [Foi dito o que faltava à criança atrasada, mas o que ela possuía não foi dito]. (VYGOTSKI, 1997, p. 160). Vigotski inverte a ordem da análise que era realizada, que tinha como ponto de partida o defeito. Ao fazer do defeito o objeto de análise, cria-se uma grande limitação para o estudo do desenvolvimento infantil. Desse modo, cria-se um muro entre o defeito e as possibilidades de compensação, tornando desconhecido os seus caminhos. Na perspectiva do autor, não adianta apenas descrever o aspecto negativo e, sim, “os lados positivos de sua saúde que compensam seu estado físico” (VYGOTSKI, 1997, p. 160). Esse modo de análise tem uma premissa moral de compromisso com o outro e, consequentemente, com a dignidade do ser humano.

Imagem 5. Desenho de uma criança de educação infantil realizado durante a pesquisa. “Uma árvore para o macaco brincar”



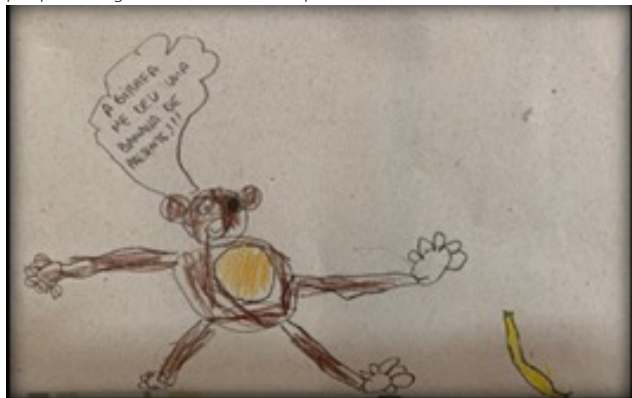
Fonte: acervo da autora, 2019.

Imagem 6. Desenho de uma criança de educação infantil realizado durante a pesquisa. “Uma festa para o macaco”



Fonte: acervo da autora, 2019.

Imagem 7. Desenho de uma criança de educação infantil realizado durante a pesquisa. “A girafa deu uma banana para o macaco”



Fonte: acervo da autora, 2019.

Como Vigotski, a maioria das crianças, quase 70%, partiram do aspecto positivo para solucionar o problema da festa da girafa. Elas não focaram no defeito, mas nas infinitas possibilidades de compensação. As respostas desse grupo foram no geral bem parecidas. Muitas crianças desenharam “fazer uma festa para o macaco”. As Imagens 5 a 7 são ilustrações desse grupo que pensa que o melhor caminho seria partir dos pontos positivos para incluir o diferente.

## A padronização no desenvolvimento e o compromisso ético

O documentário da British Broadcasting Corporation (BBC) de 1992, *Borboletas de Zagorsk*, explicita as ações de instituições educacionais russas que trabalham comprometidas com o desenvolvimento de crianças a partir da perspectiva de Vigotski. A crença dessas instituições é que as crianças mais prejudicadas podem aprender. Os professores que aparecem nessa produção são defectólogos e trabalham sem jamais fazer um julgamento final referente a uma deficiência. Hoje, o que percebemos, é que a escolarização está marcada pela padronização em um único modo de desenvolver-se. “A nosso ver, a padronização está contrária a um dos postulados básicos do desenvolvimento: o desenvolvimento cultural abarca os diferentes tipos de ritmos, particularidades e especificidades” (MELO, 2019, p. 61).

Qual a origem do conceito de padronização? Os discursos de padronização, corriqueiros nos ambientes educacionais, deriva do conceito da quantificação. Tal ideia se acentuou no pensamento ocidental através de discurso científico, justificando instrumentos que possibilitaram a mensuração da inteligência. Um exemplo são os testes de inteligência que “têm a mesma função que a craniometria desempenhou no século XIX, ao pressupor que a inteligência (ou, pelo menos, uma parte dominante dela) é uma coisa única, inata, hereditária e mensurável” (GOULD, 1999, p. 9-10).

O compromisso ético se distancia cada vez mais das nossas relações. O que chama a atenção na obra de Vigotski é a preocupação em entender a diversidade dos modos de desenvolvimento, rompendo com o determinismo biológico que traz em sua raiz a superioridade de alguns, ou seja, “uma ideologia que afirma a existência de hierarquia entre grupos sociais conforme seus valores inatos” (TUNES, 2017, p. 76).

A vida social, entendida como vida em comunidade, nos impõe grandes desafios. Um deles é lidar com as diferenças. A nossa sociedade ainda tem a “ilusão” de que formas violentas irão resolver a complexidade dos problemas sociais.

Os resultados das opiniões das crianças sobre o macaco Coco mostram que um número significativo delas acredita que incluir o diferente é uma solução razoável para que a festa da girafa continue acontecendo e todos possam participar e lidar com as diferenças. Nos desenhos das crianças aparece a cooperação para a resolução da questão. A descrição de fazer a festa para o macaco mostra que houve uma intenção de cooperação e a intenção de resolver o problema do macaco incluindo-o, em outras palavras, remete à ideia de que a cooperação social é fonte primordial que pode possibilitar o desenvolvimento.

“Seria, pois, no âmbito da vida social, da cooperação social que poderiam ser encontradas as formas concretas de manifestação dos infinitos modos de desenvolvimento cultural, isto é, das singularidades desse processo” (TUNES, 2017, p. 81). O conceito de singularidade é fundamental ao se falar sobre o desenvolvimento, pois cada ser humano aprende e interage com o mundo de modo singular. Ao padronizar o desenvolvimento a singularidade do indivíduo é violada.

As obras de Liev Semionovich Vigotski contribuem para questionarmos as raízes que fundamentam a educação e principalmente a forma de enxergarmos as diferenças. Para ele,

tanto as crianças cegas, quanto as surdo-mudo ou as com problemas mentais devem ser acolhidas com o mesmo padrão de uma criança comum (VYGOTSKI, 1997, p. 77). Esta visão parte de um princípio filosófico de ser humano e rompe com relações de controle e tutela. Nesta perspectiva, todos temos a capacidade de desenvolver e ter uma “participação ativa na vida social” (VYGOTSKI, 1997, p. 92).

A leitura e compreensão da obra desse grande autor nos faz refletir sobre o que estamos fazendo nas instituições escolares com todas as crianças, inclusive as classificadas como “deficientes”? Esta obra nos instiga a analisar o modo como percebemos as diferenças no desenvolvimento infantil e o quanto estamos distantes de um entendimento adequado sobre a questão. O autor acredita que a ciência deve colaborar para a elevação da dignidade das pessoas (VYGOTSKI, 1997, p. 112-113).

O que Vigotski propõe é um modo diferente de analisar o desenvolvimento atípico. Esta obra está impregnada de um fundamento moral que transcende e rompe com uma visão desumanizadora dos seres humanos. “Não nos damos conta de que o mundo é marcado pelas diferenças” (TUNES; PIANTINO, 2013, p. 12). A palavra padronização é peculiar ao ambiente escolar e no mundo em que vivemos, tirando-nos a singularidade de sermos diversos.

O olhar que temos sobre a deficiência é o que determina a nossa maneira de trabalhar e interagir com as crianças. O mesmo modo de olhar que as crianças relataram sobre o comportamento do macaco Coco expressa também a ideologia por trás do entendimento de como as diferenças comportamentais são associadas à deficiência. O ambiente escolar em geral classifica os graus de deficiência e não compreende o desenvolvimento atípico. O discurso da padronização segue a lógica do tempo cronológico e da mera repetição de conteúdos dados como prontos e acabados. O tempo do desenvolvimento, nesta perspectiva, seria:

O tempo desse desenvolvimento não é uma constante. Períodos de elevações intensas se alternam com períodos de desaceleração, de retração. O desenvolvimento se apresenta sob a forma de uma série de ciclos distintos, uma série de épocas distintas, de períodos distintos, dentro dos quais o tempo e o conteúdo se manifestam diferentemente (PRESTES; TUNES, 2018, p. 22-23).

O desenvolvimento está relacionado ao surgimento do novo (PRESTES; TUNES, 2018, p. 33) – por isso, a padronização de atividades ditas pedagógicas com frequência se distancia do desenvolvimento, por apenas limitar-se à repetição e não valorizando a criação.

As respostas das crianças que apresentaram a punição como um modo de resolver o problema do comportamento do macaco refletem uma visão superficial do comportamento moral. Tais noções se assemelham à lógica das regras policiais, que estabelecem regras fixas do que é lícito e do que é ilícito. “Em outras palavras, no âmbito da educação moral não devemos proceder como o fazemos com as leis policiais, quando evitamos qualquer ato por temer o castigo que ele pode acarretar. Não devemos transformar a moral na polícia interna do espírito” (VIGOTSKI, 2003, p. 214). Essa perspectiva coaduna com a crítica do autor às correntes que prevaleciam sobre a

educação moral de sua época. Para ele, “a força das leis morais era baseada na força compulsiva e humilhante do medo e dos tormentos da consciência”. (VIGOTSKI, 2003, p. 210). A crítica do autor revela o quanto a educação moral ainda é fundamentada pela obrigação de seguir padrões e regras destituídas de sentido para as crianças e para o seu desenvolvimento.

A simples obediência às regras não garante uma educação moral fundamentada na ética. O presente artigo analisa a educação moral a partir da perspectiva de Vigotski. Sobre o comportamento moral, o autor esclarece os princípios da educação moral que deve permear toda a educação:

Portanto, não basta levar à consciência a representação de um procedimento correto, mas é muito mais importante garantir a essa representação um domínio na consciência. Garantir significa organizar de tal maneira a consciência da criança que ela possa triunfar sobre todos os seus desejos e tendências [prejudiciais], conscientes e inconscientes (VIGOTSKI, 2003, p. 213).

De acordo com essa perspectiva, como organizar um ambiente educacional que garanta uma organização da consciência da criança para uma educação moral que supere a mera submissão às regras? Este entendimento de educação moral possibilitará medidas educativas coerentes, como esclarece o autor:

Em um ambiente social corretamente organizado, a criança sempre se sentirá como se fosse totalmente transparente, sentirá que seus atos ressoam e são refletidos, e essas impressões reflexas de seus próprios atos – que constantemente irão a seu encontro – serão as medidas educativas mais poderosas que um professor pode ter à sua disposição (VIGOTSKI, 2003, p. 221).

Assim, os desenhos e falas das crianças mostram que é preciso repensar uma educação moral que rompa com ideias superficiais de comportamentos classificados e pré-definidos como “morais”. Nesta visão, a educação moral permeia toda a educação e não se limita a uma aula que ensine “regras”. Corre-se o risco de que “as regras de moral representarão na mente do aluno uma coleção de respostas puramente verbais, totalmente desvinculadas do comportamento” (VIGOTSKI, 2003, p. 213-214). Como estruturar uma educação moral que possibilite uma coerência entre o discurso e a prática?

Na perspectiva do autor, a educação moral não pode ser comprada às custas do medo e da humilhação, pois isso não produz uma verdadeira regeneração (VIGOTSKI, 2003, p. 218). O ideal de educação defendido por ele deve abandonar todo princípio autoritário. O surgimento de um novo modo de educar que deve ter como base “a coordenação social do próprio comportamento com o comportamento da coletividade” (VIGOTSKI, 2003, p. 218). Autonomia e responsabilidade caminham juntas na educação. Esse modo de educar possibilita que a criança não aja mecanicamente, mas se torne responsável pelas suas ações diante da coletividade. Deste modo, a educação moral rompe com a superficialidade de apenas seguir regras. Talvez essa educação com raízes tão autoritárias seja a razão pela qual a humanidade tende a aceitar com certa passividade tantos genocídios, guerras e a morte como medidas eficazes para a resolução dos problemas sociais.

Desse modo, segue-se “apenas uma regra moral: evitar o desagradável (VIGOTSKI, 2003, p. 219). A criança precisa de experiências positivas para que se garanta a essa representação um predomínio na consciência. Assim, a educação moral encontrará sentido, pois possibilitará a experiência de liberdade para escolher, “que é a única capaz de criar uma conduta moral” (VIGOTSKI, 2003, p. 219). No entanto,

(...) o comportamento moral não deve se basear em uma proibição externa, mas em uma contenção interna ou, mais corretamente, no fato de que o ser humano deve tender naturalmente para o bem e a beleza. O comportamento moral deve se transformar em sua natureza e ser realizado livremente e sem esforço (VIGOTSKI, 2003, p. 219).

O autor não coaduna com a ideia de Émile Durkheim de que a criança nasce boa e é o ambiente que a corrompe, e tampouco com uma educação “livre”. A criança entregue a seus próprios desejos é um perigo, pois seu desejo “contém muitos aspectos funestos e daninhos” (VIGOTSKI, 2003, p. 221). A criança entendida como um ser humano em desenvolvimento necessita ser educada para participar ativamente do “mundo social”. “E mais: a plena liberdade na educação significa que se rejeita toda premeditação, toda adaptação social, isto é, toda influencia educativa. Desde o início, educar também significa limitar e restringir a liberdade” (VIGOTSKI, 2003, p. 221).

## Os macacos e a educação

Um ambiente educacional acolhedor e organizado corretamente pode contribuir para que a criança que seja classificada com “mau comportamento” possa experimentar situações positivas e, a partir disso, sentir a beleza de uma relação humana de comunhão. Tal reflexão me remeteu à fábula *O macaco*, de Liev Tolstói:

### O MACACO

#### Fábula

Um homem foi ao bosque, derrubou uma árvore e cortou-a. Colocou a extremidade da árvore no cepo, montou nela e começou a serrar. Depois, enfiou uma cunha no pedaço já serrado e continuou a serrar. Serrou mais um pouco, tirou a cunha e enfiou-a mais à frente. Sentado numa árvore, um macaco observava. Quando o homem se deitou para tirar uma soneca, o macaco montou no tronco e quis imitá-lo; porém, tão logo retirou a cunha, a madeira se juntou e prendeu seu rabo. Gritando, ele tentava se soltar. O homem acordou, deu uma surra no macaco e amarrou-o com uma corda (TOLSTÓI, 2005, p. 55).

O macaco desta fábula é tão atrapalhado ou desajeitado como o macaco Coco. É interessante perceber como na literatura infantil o macaco é apresentado como um animal que traz “problemas” por onde passa. O macaco de Tolstói aprende como todo ser humano – ou seja, pela observação e imitação. Isso alude ao fato de que, ao nascer, a criança encontra muitos desafios pela busca da sobrevivência e muitas vezes são interpelados pelo autoritarismo e incompreensão dos adultos.

A postura violenta do homem representado na fábula diante da ação do macaco pode representar metaforicamente o efeito da escolarização sobre as crianças. Uma educação autoritária

vai se perpetuando nas práticas educativas. Na fábula, o macaco sente na pele a dor de não se adequar as exigências do ambiente. Uma educação autoritária do ponto de vista psicológico reproduz relações autoritárias causando sérios danos sociais.

Outro conto muito interessante, que também tem um macaco como protagonista, foi escrito por Franz Kafka, intitulado: *Um relatório para uma academia*. Esse conto foi escrito entre novembro de 1916 e abril de 1917 (GALLO, 2019). Neste conto, é um macaco que apresenta um relatório para a academia contando a sua história de vida; explicando o motivo da sua transformação da condição de símio para a de humano.

O macaco de Kafka inicia a sua exposição dizendo que o seu objetivo será “mostrar a linha de orientação pela qual um ex-macaco entrou no mundo dos homens e aí se estabeleceu” (KAFKA, 1999, p. 60). Então, a primeira coisa que ele aprende por meio da observação e imitação é o aperto de mão. Esse ato significativo expõe um fator moral que liga todos os homens como parte da mesma espécie, e demonstra a união que deveríamos ter enquanto seres humanos. O aperto de mão significa o encontro do eu-tu, que se tornam humanos e se completam a partir desta relação.

A transformação de símio para humano representa a dureza do processo da educação em seu sentido mais geral. As circunstâncias pelas quais ele passou exigiram um abandono da sua natureza animal. Assim, a institucionalização da educação faz ao impor padrões desconectados de sentido para o desenvolvimento infantil.

Os três macacos – o da literatura infantil, do conto de Tolstói e o de Kafka – possibilitam a representação de diversos aspectos da educação contemporânea. Todos eles, tanto no reino animal ou humano, precisam abandonar a sua natureza animal para se enquadrar às exigências impostas pela condição humana.

A descrição de como o macaco de Kafka foi capturado me fez alusão à responsabilidade que temos com aqueles que chegam no mundo, as crianças. Foi assim que esse macaco entrou no mundo humano e é assim que as crianças chegam. O que elas encontram? “a cicatriz de um tiro delinquente” (KAFKA, 1999, p. 62). O macaco de Kafka entrou no mundo humano por meio da violência; com um tiro e “numa jaula na coberta do navio a vapor da firma Hagenbeck” (KAFKA, 1999 p. 62). Desse mesmo modo, a educação foi (e ainda é) marcada por instrumentos de violência, sejam eles familiares ou de instituições educativas.

A busca para se tornar “homem” foi desencadeada pela sua prisão na jaula. “E eu aprendi, senhores. Ah, aprende-se o que é preciso que se aprenda; aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo” (KAFKA, 1999, p. 70).

Um tipo de educação escolar que tem como objetivo o treinamento gera nos alunos o mesmo sentimento expresso pelo macaco de Kafka. Não se almeja a liberdade, mas apenas sair de situações desconectadas de sentido. Infelizmente a escolarização cria metodologias para “prender em um caixote” e limitar o desenvolvimento infantil. Como relata o macaco:

Não, liberdade eu não queria. Apenas uma saída; à direita, à esquerda, para onde quer que fosse; eu não fazia outras exigências; a saída podia também ser apenas um engano; a exigência era pequena, o engano não seria maior. Ir em frente, ir em frente! Só não ficar parado com os braços levantados, comprimido contra a parede de um caixote (KAFKA, 1999, p. 64-65).

O que o macaco de Kafka expõe pode ser comparado ao que os seres humanos enfrentam no desenrolar da educação. No convívio com crianças pequenas são impostas regras e modos de se portar para que elas sobrevivam e se adaptem ao ambiente. Nesta perspectiva, a educação é um campo de tensão entre os instintos naturais e o que é imposto pelo ambiente social. Seria um perigo “a rejeição de toda contenção moral e a plena arbitrariedade no comportamento infantil”. (VIGOTSKI, 2003, p. 211). É necessária uma educação dos instintos com o fim de educar pessoas moralmente autônomas e com fundamentos éticos.

### Algumas considerações

A cultura cria a necessidade de ambientes de ensino para que as crianças se adaptem às exigências sociais. Aqui é que se torna possível estabelecer uma relação entre o relatório do macaco de Kafka e o processo de escolarização do ser humano. O presente artigo não teve a pretensão de generalizar e descreditar em todas as instituições de educação, mas refletir na seriedade dos problemas da escolarização.

As respostas das crianças à história do macaco nos fazem pensar que, ao propor soluções classificadas como imorais,

tais soluções teriam vindo das suas experiências pessoais. Não que elas tenham praticado o que escreveram, ou que sejam desequilibradas moralmente; mas existe uma relação entre suas ideias e o ambiente social. Por isso, a educação moral em ambientes educacionais pode possibilitar situações em que as crianças sejam livres para discutir e fazer escolhas referentes a questões problemáticas.

Concluimos que “o comportamento moral é um comportamento que pode ser educado, exatamente como qualquer outro, através do ambiente social” (VIGOTSKI, 2003, p. 210). Ao discutir situações problemáticas com crianças pequenas, possibilitamos a liberdade de escolher os caminhos de suas ideias e a partir disso elas podem educar-se. Portanto, “a criança sempre deve conhecer os resultados finais de seus atos e que esse conhecimento é um poderoso meio educativo que o professor possui” (VIGOTSKI, 2003, p. 221). Esse tipo de pesquisa com crianças pequenas possibilita entender o que elas pensam sobre temas propostos e, a partir disso, organizar um ambiente coerente com tais necessidades. A educação moral fundamentada na ética é um caminho possível para que as crianças possam vivenciar situações de comunhão e, conseqüentemente, fortalecê-las em sua consciência. Só por meio da educação poderemos resistir à banalização do mal comum nos nossos discursos. ■

### Notas

- <sup>1</sup> Agradeço à querida professora, Elizabeth Tunes pelas imensuráveis contribuições na compreensão das obras de Liev Semionovich Vigotski e no seu compromisso com o ser humano. Agradeço também aos queridos colegas da disciplina “Desenvolvimento psicológico atípico e problemas de aprendizagem” do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação/UnB ministrada pela professora Elizabeth Tunes. Agradeço à professora Zoia Prestes pelo carinho, incentivo e enormes contribuições

### Referências

- BORBOLETAS DE ZAGORSK. Documentário da BBC.** 1992. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bA\\_GMtqUGeQ](https://www.youtube.com/watch?v=bA_GMtqUGeQ). Acesso em: 14/06/2019.
- GALLO, S. **O macaco de Kafka e os sentidos de uma educação filosófica.** Disponível em: <[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/0032\\_01.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/0032_01.html)>. Acesso em: 16 de Julho de 2019.
- GOULD, S. J. **A falsa medida do homem.** 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KAFKA, F. **Um médico rural: pequenas narrativas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KERR, L. **Los modales del mono Coco, pèrdon.** 1ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2016.
- MELO, V. V. A. **Educação pré-escolar: Foco na criança ou deformação de imagens?** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro Universitário De Brasília (UNICEUB), Brasília, 2019.
- PRESTES, Z.; TUNES, E. **7 aulas de Vigotski sobre os fundamentos da pedologia.** Rio de Janeiro: E-papers, 2018.
- TOLSTÓI, L. (1828-1910). **Contos da nova cartilha: primeiro livro de leitura.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- TUNES, E. A Defectologia de Vigotski – uma contribuição inédita e revolucionária no campo da educação e da psicologia. In: KRAVTSOVA, E. E.; KRAVTSOV, G.; KRAVTSOV, O.; PRESTES, Z.; TUNES, E.; JEREBTSOV, S. (Org.). **VERESK – Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski (v. 1).** 1 ed. Brasília: UNICEUB, 2017, p. 75-84.
- TUNES, E.; PIANTINO, L. D. **Cadê a síndrome de Down que estava aqui? O gato comeu...** Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- VIGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas – Fundamentos da Defectologia (v. 5),** Madrid: Visor, 1997.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica (Edição Comentada).** São Paulo: ARTMED Editora, 2003.